



CÁTEDRA JOSÉ SARAMAGO
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

QUE FAREMOS COM JOSÉ SARAMAGO?

ENSaios

Organização e prefácio

Carlos Nogueira e José Vieira

Textos

Ana Paula Arnaut, Antonia Marly Moura da Silva,
Antonio Augusto Nery, Carlos Quiroga, Carola Hermida,
Daniel Vecchio, Gabriel Franklin, José Barbosa Machado,
Lucía Belén Couso, Luzia Regina Alves Regis,
Mafalda Sofia Borges Soares, Maria Alcina do Carmo Dias,
Maria Aparecida da Costa, Maria João Simões,
Marilda Beijo Fróes, Naiara Barrozo, Miguel Koleff,
Patrice Mendes Pacheco, Pedro Fernandes de Oliveira Neto,
Teresa Cristina Cerdeira

dstgroup
building culture

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXV

Os artigos desta obra foram submetidos a revisão por pares (*peer review*).

© 2025, Autores
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
21 726 90 28 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO: *Que Faremos com José Saramago? Ensaios*
AUTORES: AAVV
ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO: Carlos Nogueira e José Vieira
CAPA: Tinta-da-china (V. Tavares)
COMPOSIÇÃO: Tinta-da-china
REVISÃO: Tinta-da-china

1.ª edição: julho de 2025

ISBN 978-989-671-958-6
Depósito Legal n.º 549187/25

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00077/2020.

ÍNDICE

Prefácio. O legado de José Saramago CARLOS NOGUEIRA JOSÉ VIEIRA	9
Declinações da paisagem em <i>Levantado do Chão</i> ANA PAULA ARNAUT	15
A construção do personagem Luís de Camões sob o olhar aquilino de José Saramago DANIEL VECCHIO	41
Reviravoltas espaciais no conto «Refluxo»: o homem e a morte MARIA JOÃO SIMÕES	71
A problemática do erro linguístico em José Saramago JOSÉ BARBOSA MACHADO	87
Um diálogo entre nobéis: as origens da criação literária em José Saramago e Annie Ernaux MAFALDA SOFIA BORGES SOARES	109

<i>A Maior Flor do Mundo: um Saramago para crianças?</i> TERESA CRISTINA CERDEIRA	137
<i>La Flor Más Grande del Mundo. Una poética de la literatura para las infancias</i> CAROLA HERMIDA LUCÍA BELÉN COUSO	153
O fogo de Prometeu: José Saramago entre a emoção e a racionalidade PATRICE MENDES PACHECO	167
José Saramago, «O Sr. Cristo» PEDRO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO	195
Acerca del 25 de Abril: las crónicas políticas de José Saramago en la década del 80 (tres intervenciones en <i>O Diário</i>) MIGUEL KOLEFF	217
A metáfora da Cadeira nos contos «A cadeira», de José Saramago, e «Os homens que descobriam cadeiras proibidas», de Ignácio de Loyola Brandão ANTONIA MARLY MOURA DA SILVA	229
Entre cães e gatos: o humanismo de Saramago nos <i>Cadernos de Lanzarote</i> e a ressonância de Montaigne NAIARA BARROZO	251
Saramago e a causa galega CARLOS QUIROGA	265

«Você tem tanto medo das mulheres como eu tinha»: aspectos da fragilidade masculina em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	289
MARIA APARECIDA DA COSTA LUZIA REGINA ALVES REGIS	
Um olhar sobre a concepção de humanidade em Saramago	303
MARILDA BEIJO FRÓES	
A sexta lição americana: Saramago e a consistência	331
GABRIEL FRANKLIN	
Trilhos da liberdade para a esperança. <i>Ensaio sobre a Cegueira</i> : diálogo com Emmanuel Levinas	343
MARIA ALCINA DO CARMO DIAS	
O inexplicável e o «estava escrito» em <i>Terra do Pecado (A Viúva)</i>	359
ANTONIO AUGUSTO NERY	
Notas biográficas	374

SARAMAGO E A CAUSA GALEGA

CARLOS QUIROGA

Universidade de Santiago de Compostela

Na década de 80 do século xx, entre *Memorial do Convento* (1982) e *História do Cerco de Lisboa* (1989), Saramago é um autor de narrativa histórica. Ao revisar e questionar a verdade do seu relato, com uma peculiar estratégia narratológica magnificamente sucedida, depara-se com o *assunto galego*. Também da Galiza haverá uma atenção precoce a este questionamento de «uma História» onde esta costuma ser apagada, e daí procedem os primeiros contributos para a divulgação e canonização do autor fora do seu país. O contacto com agentes do galeguismo também propiciará um achemento pessoal, de que ficam provas nos livros de Saramago. A Causa Galega, entendida como conjunto de justos interesses ou ideias maltratados pelo poder, terá a adesão do escritor. À revisão desta identificação intelectual e afetiva de José Saramago, em razoável conjuntura estendida, e com pessoas e opiniões que representavam tal posição de resistência da parte galega, dedicamos o presente texto.

Tentámos reunir anteriormente uma série de conhecimentos sobre este tema — dos quais, por outra parte, já tínhamos feito divulgação dispersa — na VII Conferência Internacional José

Saramago da Universidade de Vigo (26-29 de outubro de 2022). Tal compêndio, relativo à relação de Saramago com a Galiza, parecia pertinente na mesa para a qual éramos convocados. Também porque apenas um reduzido e agora idoso (inclusive falecido) círculo galeguista/reintegracionista tinha constância, mesmo no nosso país, deste vínculo. Para o presente caso, acreditamos que a pertinência se podia prolongar e até ser mais necessária, pois continuamos carentes de conhecimentos mútuos e de pedagogias várias: deste lado sul do Minho, é provável que nem palavras como *reintegracionismo* sejam propriamente familiares.

Aproveitámos, portanto, algum material daquela conferência, que atualizámos ou mesmo perfilámos por via de entrevistas, e colocamos agora o foco mais forte noutros pormenores menos académicos, mas também revistos e pertinentes. Esperamos assim proporcionar algum conhecimento novo para quem tenha a paciência de seguir estas palavras, pois raramente se menciona em Portugal a paixão de Saramago por esta humilde *causa*, que, em certa altura, teve para o autor máxima centralidade. Sendo conscientes da pouca relevância erudita que o assunto pode encerrar, também por isso haverá aqui um registo, digamos, mais ligeiro e *romanesco*.

José Saramago, interessado nas questões identitárias e humanitaristas que acompanhavam a sua revisão do quadro histórico lusitano, nomeadamente na década de 80 do século passado, encontrou-se com este *assunto*, a que chamamos *causa galega*. Voltaremos depois com o Saramago da altura, na culminância de uma primeira etapa, seguramente a melhor da sua carreira literária, e começamos com o *motivo*, a causa, que ele conhece, acompanha e até dela se torna militante. Adotaremos para a sua representação alegórica a figura de um desses cães vadios e sempre enxotados, mas orgulhosos, que revigoram nomeadamente quando recebem

algo de carinho e compreensão. Exatamente aquilo que o cada vez mais reduzido agrupamento de *bons e generosos* (qualificativos que recebem no hino galego os compromissários desta identidade) vinha esperando sempre, no pós-ditadura, do povo lusitano. O galeguismo ganhou vigor no princípio do século, definiu na perseguida ou exilada resistência à cruenta ditadura espanhola, mas também continuou acossado no imediato pós-franquismo, quando se instala uma deficitária democracia no Estado espanhol, em que os quadros fascistas se reacomodam confortavelmente à situação em impunidade, mantendo privilégios de classe e família à cabeça dos poderes económicos e políticos.

Neste contexto prolongado, manteve-se até ao presente um resto continuado de ternura nalguma Galiza galeguista com respeito a Portugal, por sentir e saber em profundidade das badaladas afinidades, por esperar que lá no Sul se vai conhecer a deriva histórica que quase por acaso (e a Catalunha ajudou bastante) permitiu apenas a uma parte de nós furtar-se à humilhação e ao esmagamento castelhanos, deixando atrás um bocado do próprio corpo, o «bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela», de que tinha falado Teixeira de Pascoais, embora histórica e cronologicamente o sentido de extração fosse inverso, sendo a Galiza a mátria primigénia e Portugal o bocado, isso sim, libertado.

A esperança de receber compreensão do passado histórico por parte dos portugueses, e daí um carinho no presente político, raramente resulta satisfeita para esses vira-latas sempre afugentados mas orgulhosos. Poucas pessoas querem saber de passados e, aliás, a História vai sendo contada por vencedores, que não é o caso dos *bons e generosos* da *causa galega*. Falamos de justos interesses identitários e desígnios maltratados pelo poder, ressuscitados no final do século XIX, aquando da descoberta dos cancioneros medievais e da

evidência de o galego não ser dialeto nenhum do castelhano, mas ninho do português, levado primeiro para sul e depois imperialmente pelas sete partidas do mundo. Falamos de dependência, da pobreza, da emigração, num território rico em recursos, cujo povo continuou inusitadamente em esmagamento e submissão dentro doutro Estado.

Saramago recebeu um primeiro estatuto crítico de escritor de *romance histórico*, embora o autor recusasse mais tarde a etiqueta, a partir de *História do Cerco de Lisboa*, embora admitindo que era este um livro onde se procedia ao questionamento e à revisão daquilo a que chamamos «verdade histórica» (Saramago, 2013), em que o relato da Galiza e Portugal se entrecruzavam. O que agora nos interessa marcar é que a primeira estrutura sistémica que cabia ao autor em 1983 — ano em que, como veremos, se vai iniciar a intensa aproximação partidista a que se refere este texto — era a de um produtor de narrativa histórica, por outra parte a categoria mais distinta do momento. Lembremos mais uma vez que o romance histórico se tinha iniciado no Romantismo, como noutras literaturas, sendo Herculano quem introduziu o novo modelo consagrado por Walter Scott, seguindo as suas pisadas Garrett, embora *o Arco de Sant'Ana* fosse começado antes das *Lendas e Narrativas* de Herculano, e publicado depois. Recordemos também que, tendo desaparecido categorias ou tradições como a do romance de cavalaria, o bucólico, a novela sentimental, mas também desvalorizadas outras linhas narrativas, como a ficção alegórica didática, etc., era o romance histórico, de facto, o iniciador da novelística moderna. Aí estava o único porto de saída operativo com algum prestígio, e eis a vereda em que se coloca um Saramago que, tendo apenas publicado ao todo e durante quase 30 anos *Terra do Pecado* (1947)

e mais alguns livros de poemas e crónicas com pouco sucesso, se afirma com este perfil distinto. Procura a sua própria voz e singularidade e acha no pano de fundo histórico o terreno ideal para um trabalho desconstrutivo. Resta apenas apontar que, nessa encruzilhada cronológica, era consensual distinguir apenas duas sortes de romance de categoria dita histórica: os romances «sérios», como os apontados no célebre *Le roman historique* (Lukács, 1972), e «os outros», alinhados no bando mais flexível do simpático Alexandre Dumas, a quem é atribuída a divisa de se poder «violar a História, com a condição de lhe fazer formosos filhos». Os pés de Saramago só podiam caber alegres, naturalmente, sobre as pisadas de Dumas, e lá foi fazer à História formosos filhos, questionando *aquilo a que chamamos a verdade histórica*.

Neste ponto, quando se procede a rever e pôr em questão essa verdade, em especial a de Portugal, contrariando ao mesmo tempo as perversões em que se fixou o poder ao interpretá-la, não se pode deixar de admirar como aparece a Galiza, e até como falta. Saramago, do interesse pelo passado, dá o salto para interessar-se e conectar-se ao presente, pensando até o futuro. Na viagem, digna de elefantes, seria fácil cansar-se, ou esquecer-se da remota *causa*, ou apontar com mais energia para outras frentes, revisitando grandes conceitos filosóficos fundadores e reitores da civilização ocidental, para subverter os seus conteúdos semânticos tradicionais, o que for e onde for, mas já com horizontes onde a Galiza não seria mais do que um ponto-ente como muitos à deriva. No entanto, como acreditamos que talvez o melhor Saramago se ache na tal desconstrução da história ibérica e de Portugal, em que meter em quadro a Galiza era incontornável (como já tinha acontecido no Herculano do *Eurico, o Presbítero*, quando aborda a invasão árabe e os inícios da Reconquista; e em *O Bobo*, quando se relata a constituição de

Portugal como reino independente), valerá a pena pintar os filamentos de contacto que transmitiram alguma, mesmo muita, energia ao tocar na *causa galega*. No rumo Herculano-Garrett-Dumas, sem necessidade de mergulhos tão completos como alguns daqueles (ou mais de cabeça de fora à Dumas, na via menos séria e assumidamente subversora das verdades instituídas), encontra Saramago motivos de questionamento para chamar à cena a Galiza, pensá-la desde os períodos mais clássicos até à fase das democracias e da União Europeia, e acabar na proposta d'*A Jangada de Pedra*.

O que podia acontecer era mesmo algo presumível, e vamos avançar a sua síntese. Saramago tomou conhecimento da relação umbilical entre a Galiza e Portugal, que já se formula e afirma nos fundamentos do galeguismo histórico, no próprio hino até. Esse galeguismo, com mais de um século de vida, nunca tinha predicado um nacionalismo dominador, antes pelo contrário, defendia-se de um outro e rançoso nacionalismo espanhol que ainda hoje está operativo e a todo o vapor. O escritor tomou conhecimento das razões de um movimento progressista e de esquerda pelo qual só podia sentir simpatia, ciente também do relato esquecido ou corrompido da História (essa «ficção controlada», como dizia Agustina em *Pedro e Inês*), inclusive e naturalmente também omitido em Portugal. De tudo isto achou indícios nas suas pesquisas para a compreensão do seu país, vendo o seu passado, e daí ficou preparado para o presente, e para uma aproximação e entendimento da Galiza e da sua justa *causa*, quando chegou a oportunidade e lhe foi mais esclarecido a partir de um primeiro cruzamento pessoal importante em 1983. Da sua preparação prévia vai transitar para um achegamento decidido em termos geográficos, políticos, linguísticos e até humanos, quando aparece a ocasião — aquela em que o vira-latas

vadio levantou a vista, talvez ainda com receio, mas reconhecendo de imediato a chispa de carinho e compreensão, para colocar-se à porta e insistir, como o cão da *Jangada*. Saramago iria atrás dele singularmente, como as personagens do romance, movendo os seus pés reais e mentais, geopoliticamente e em pessoa, e deixando provas de honra de tal percurso nos seus livros. Este retrato saramaguiano não será o mais conhecido, embora coerente com o seu tempo, porque tanto intelectual como pessoalmente «era outro» diferente do que foi ficando depois para a posteridade.

A sinopse do processo de empatia, seguimento, com o talvez previsível desapego, distanciamento de até deixar desiludida a pequena causa, quando o autor recebe o peso áureo do prémio Nobel, estava já nas palavras do meu colega Elias Feijó Torres, na nota prévia aos trabalhos sobre o autor português produzidos por alguns dos nossos alunos, na Faculdade de Filologia de Santiago de Compostela, e publicados na revista *Agália* em 1999, quando escreve o seguinte:

Na Galiza, Saramago conheceu um sucesso prévio à sua internacionalização e paralelo (em casos por diante) do que atingia no sistema literário português. Foram sectores reintegracionistas (pelo menos, considerando o factor institucional) os que primeiro repararam na singularidade da pessoa e da obra saramaguianas. Lembrem-se a presença e participação de José Saramago no II Congresso de AGAL. A progressiva divulgação da sua obra foi alargando o círculo, ao mesmo tempo que esses sectores foram também perdendo fe no admirado aliado, porque parecia que a *fides* do antigo parceiro já nom era tanta; ele começou a cultivar amizades perigosas [suponho, dizem, todo parece indicá-lo; nom o sei com certeza e resisto-me ainda hoje a acreditar nisso, porque José Saramago tivo sempre

comigo um [*sic*] excelente relação, há anos interrompida, defensor sempre da causa galeguista...; desculpem, por favor, o depoimento pessoal, só a efeitos de crónica sentida]. (Torres, 1999: 470)

Entre a fase de formação e informação do escritor com relação à Galiza, que acabamos de esboçar, particularmente no terreno histórico, e aquela outra pouco anterior (e mais a especialmente posterior) à sua canonização mundial, nos últimos anos do século xx, intercala-se uma conexão fraterna com a *causa galeguista*, que terá continuado a produzir durante muito tempo apelos ao campo dos sentimentos quando se tenta cronicar.

Na procura do prometido registo ágil para este texto, procedemos já a colocar em cena a principal personagem-ponte, que se cruza com Saramago, para possibilitar todas as afinidades que eram imagináveis, a estabelecer vínculos maiores, pois as bases para o magnetismo Saramago-Galiza estavam pré-instaladas. Tudo será propício num espaço como o de Lisboa e em concreto na festa do *Avante!*. Particularmente oportuno o tempo, estacional e cronológico, pois era o verão de 1983. Do lado português, já sabemos quem se recorta entre os *stands* em que andam os livros: um escritor de interesse, José, que tinha publicado no ano anterior um livro do que se estava a falar bem, não fosse ele ser já demasiado maduro e haver em Portugal um importante leque de escritores mais novos nesse momento. Mas é esse autor maduro, de nome corrente, que procura uma galega ainda desconhecida.

Ela chama-se Maria Elvira Souto Presedo e tampouco é uma caloiira (A Corunha, 1947). Anda a braços com uma dissertação de mestrado sobre Literatura Portuguesa, que pretende dedicar especificamente ao tal último livro do autor maduro de nome cor-

rente. O resultado seria *A Narrativa de José Saramago: Memorial do Convento* (1985), que teria continuação posterior numa tese de doutoramento intitulada *O Romance Português Atual: Uma literatura de autognose*, defendida em 1989. Mas em 1983 era a primeira vez no planeta que alguém queria dedicar um trabalho académico à obra do escritor chamado José Saramago, maduro mas quase debutante. Esse era o motivo para querer falar ela com ele. E ele também se interessou, naturalmente, e até se comoveu com essa procura. Seria Saramago, depois das primeiras trocas, quem teria proposto continuar a conversa com partilha de mesa e alimentos. Colóquio e troca verbal que acabaria por prolongar-se já na altura, mas muito mais depois, numa intermediação desta rara professora/guia durante poucos anos com a Galiza.

Escrevemos propositadamente *rara* porque Elvira, hoje professora aposentada de Didática da Língua e da Literatura na universidade corunhesa, não era nem é mulher corrente. Filha de emigrantes, tinha militado no Movimento Comunista, com os Estudantes Revolucionários Galegos (ERGA) e na União do Povo Galego (UPG). Neste partido, ao ser legalizado com a queda da ditadura, seria a sua secretária-geral, desde março de 1977 a julho de 1978, altura em que se demitiu (TeT 44). Na atualidade, a UPG está integrada no Bloco e o seu secretário-geral é Néstor Rego, único deputado galeguista eleito da Galiza para o parlamento do Estado espanhol. Rego teve há poucos dias o *singular* privilégio de pela primeira vez poder usar o idioma galego nesse foro — e outra vez escrevemos *singular* em itálico com maior premeditação e até sarcasmo, pois na presente e suposta situação democrática não deixa de parecer uma anomalia ter isto acontecido com tantas décadas de demora.

Elvira Souto, depois da sua demissão da Secretaria-Geral da UPG, foi-se desligando das organizações partidárias, sem deixar

de militar em associações e organizações cívicas que se batem pela defesa da língua galega e da sua aproximação à portuguesa (Reintegracionismo), assim como nas causas pelos direitos humanos a favor de presos galegos e do povo palestiano em particular. Interessava ainda o percurso desta mulher nos últimos meses que precederam a morte do ditador, para entendermos a sintonia e o perfil de intermediação que Saramago vai achar naquele primeiro encontro de 1983. Souto era a companheira na clandestinidade de Moncho Reboiras, assassinado pelas forças fascistas no verão de 1975, passando a ser uma figura mesmo mitificada (Diéguez Cequiel 2015), com lembrança anual no Ferrol onde aconteceu aquele crime. José Ramón Reboiras Noia, Moncho Reboiras, membro do Comité Central e do Comité Executivo da UPG, tinha recebido a incumbência de criar uma frente armada para lutar contra a ditadura franquista, preparando a infraestrutura logística para esse fim. Com escasso armamento, fornecido precisamente pela Liga de Unidade e Ação Revolucionária portuguesa (LUAR), um reduzido grupo chefiado por Reboiras iniciou o treino não longe da Raia portuguesa, no sul da província de Pontevedra, mas foi experimentar capacidades na Galiza profunda do interior, num primeiro assalto ao Banco Pastor de Escario (dezembro de 1974). A Guarda Civil, a Polícia Armada e a Brigada Político Social (BPS), espécie de PIDE espanhola, não tardariam a pisar-lhe os calcanhares, para abatê-lo a tiros, incluindo na nuca, a 12 de agosto do ano seguinte. Na ampla «nota» policial remetida para os jornais da altura, as forças da ordem publicitam amplamente a operação como desarticulação ampla de uma organização terrorista em que à UPG é associado o nome da ETA, para enfatizar o mérito da intervenção (Nota 1975).

Elvira Souto acompanhava Reboiras naquele dia do cerco e assassinato, preparando com outro militante um próximo ataque

armado, ocultos no bairro operário de Canido, em Ferrol. O acosso a Reboiras, que levou atrás dele a atenção do dispositivo policial ao fugir pelos telhados e oferecer resistência, permitiu que a sua companheira escapasse e se conseguisse exilar, naturalmente, em Portugal, espaço de recuo para ela e para bom número de membros da UPG, com apoio da LUAR. As intensas relações entre a UPG e Portugal já possuem estudos concretos (Gonçales Blasco «Foz» 2022), que pormenorizam como militantes galeguistas, entre eles Elvira Souto, encontraram no espaço luso um campo natural de abrigo e entendimento. O refúgio serviu ao mesmo tempo para intensificar conhecimentos e estreitar relações, criando bases para vínculos prolongados na posterior «democracia».

É com esta bagagem que, nesse iniciante período de liberdade, a futura professora, proveniente da vertente comunista galega mais revolucionária, vai procurar Saramago na festa do *Avante!*, no verão de 1983, em Lisboa. O Saramago desta altura, sem grande formação, mas sempre com uma grande intuição, vai entrar no período até esse momento mais exaltado da sua carreira, «aprovisionado» de informações históricas suficientes para tomar posições acerca do povo galego. Ter encontrado a Galiza ao mergulhar no passado lusitano, durante as suas pesquisas da etapa central e fecunda de produção literária, aquela que em termos editoriais arrancou com *Memorial do Convento*, editado um ano antes do encontro com Elvira em Lisboa, e fazê-lo com bom instinto, maior desprendimento e até inteligência do que a maior parte da academia do seu país, habituada a transferir manuseados e deformados lugares-comuns, colocava-o numa situação propícia para interessar-se pela *causa* desta mulher, que por outra parte queria fazer uma tese sobre o seu livro. Saramago tinha mergulhado num determinado passado, escrevendo-o; agora faria um

regresso ao futuro do mesmo, através de quem queria estudar o seu mergulho.

Três anos depois daquele encontro, será editada *A Jangada de Pedra*. Nesse romance encontramos três personagens dentro de um carro, que seguem precisamente um cão, ignorando para onde este em concreto os conduz, o que ou quem os aguarda. Decorrida já uma enorme distância do coração de Portugal, insere-se o seguinte diálogo:

Novamente a caminho, sempre para o norte, em certa altura José Anaíço disse, era a Pedro Orce que se dirigia, A continuar assim vamos entrar em Espanha, voltamos à tua terra, A minha terra é a Andaluzia, Terra e país são tudo o mesmo, Não são, podemos não conhecer o nosso país, mas conhecemos a nossa terra, Já alguma vez foste à Galiza, Nunca fui à Galiza, a Galiza é a terra doutros.
(Saramago, 1986: 178)

O cão que o carro segue não é, em princípio, declaradamente galego, mas guia o rumo da expedição para essa terra, que não é a terra do espanhol, que tampouco se acomoda ao rótulo, pois Pedro Orce afirma-se da Andaluzia. O cão misterioso será a representação alegórica da causa galega que vimos comentando, conduzindo o grupo para se completar com outra mulher. Não vamos detêr-nos na obviedade desse cuidado com que neste parágrafo se repara em nacionalidades e/ou variedades identitárias que se integram no Estado espanhol. Nem tampouco no papel aglutinador do grupo que finalmente se encerra com a personagem galega a quem vai encontrar o resto, na Galiza. Iremos diretamente à hipótese da certa distinção, que com esta disposição se lhe poderia atribuir

à Galiza e à sua causa, e à mais ousada conjectura de existir uma concreta comemoração de Saramago à antiga secretária da UPG na Maria Guavaira da história, de quem se menciona ter irmãos na Argentina. Tal presunção não perde credibilidade por Elvira Souto negar a representação, como ainda nestes últimos dias com modéstia defendeu, ao insistirmos na probabilidade: ela assegura que o escritor lhe teria dito, como lhe tinha dito doutras homenagens. Porque também noutros romances aparecem comemorações de afetos por pessoas reais da Galiza, e até muito chegadas a ela. Uma dessas representações é o criado galego do Hotel Bragança, chamado Ramón, que «mora na Rua dos Cavaleiros» (Saramago, 1984: 150) e serve de confidente à mesa de jantar. Quando no hotel aparecem tantas famílias espanholas, no diálogo introdutório na receção, entre Ricardo Reis e Salvador, este afirma que a causa é terem fugido porque os comunistas ganharam as eleições; o outro esclarece que «[n]ão foram os comunistas, foram as esquerdas», ao que responde o empregado: «É tudo o mesmo» (Saramago, 1984: 156). É nesse ponto que, a seguir, se afina o retrato de Ramón entre os outros criados, atribuindo à galegidade um desprezo por parte dos espanhóis que se iguala ao seu ódio pelas esquerdas e pela sua vitória nas últimas eleições, preâmbulo do golpe militar fascista:

Os criados, Felipe, Ramón, há um terceiro, mas esse é português da Guarda, andam alvoroçados, nervosos, eles que já viram tanto na vida, não é a primeira vez que servem compatriotas, mas assim, em tão grande número e por tais razões, jamais, e não reparam, não repararam ainda, que as famílias de Cáceres e Madrid lhes não falam como a bem-amados patrícios que a infelicidade reuniu, quem está de parte vê mais e observa melhor, no mesmo tom em que dizem Los rojos diriam Los gallegos, tirando o ódio e pondo o desprezo.

Ramón já se sentiu, algum olhar lhe deitaram torvo, alguma palavra lhe atiraram má, que estando a servir Ricardo Reis não se conteve, Escusavam bem de trazer tanta joia para a sala de jantar, ninguém lá lhas iria roubar aos quartos, este hotel é uma casa séria, ora ainda bem que Ramón o declara [...]. (Saramago, 1984: 157)

O empregado leva esse nome em honra de Ramón López Suevos, companheiro de Elvira desde o encontro com Saramago até hoje. Desta vez é a própria a confirmar tal declaração por parte do autor. Suevos, também familiarmente conhecido pelo hipocóritico, como acontecia com o coincidente e mencionado «mártir», *Moncho*, é igualmente professor aposentado de Economia na USC, instituição em que também possibilitou presenças de (e «coincidências» com) Saramago.

Existem mais homenagens e comemorações de afetos por pessoas ligadas à Galiza, e em breve indicamos mais um caso, mas queremos aludir à segunda manifestação notada e notável de Saramago diante da sua introdutora estelar no conhecimento e defesa da *causa galega*. Será este o mais vigoroso alarde de adesão, produzida no verão seguinte ao primeiro encontro mencionado, cujo relato solicitámos expressamente por escrito, no seu dia, à própria Maria Elvira Souto Presedo, da direção da revista *Agália*. Aconteceu na celebração do 25 de julho (Dia da Pátria Galega) de 1984, outra vez na capital lusitana, numa casa de comidas da Baixa, onde os estudantes da Galiza do Curso de Férias eram acompanhados por Saramago, e este era animado a falar pela sua companheira na altura, Isabel da Nóbrega:

Esta é umha pátria em Lisboa. Pequena em número e pequena em aspirações: um grupo de galegas/os do curso de férias numa casa de comidas da Baixa, propriedade de emigrantes ourensanos.

Nom mui grande também em saudades esta pátria, que a ausência é breve, a cidade luminosa (e ainda assim tam galega) e o local situado ao pé dessa sociedade cujo nome extravagante (La Juventud de Galicia) nos impede esquecer, mesmo a tantos quilómetros de Compostela, a nossa condição de híbridos culturais. Do menu fica na lembrança apenas a pescada frita (pátria com peixe descongelado nunca mais esquece). A companhia no entanto lembra-se na íntegra. A maioria é galega, claro, mas também está lá umha senhora portuguesa (Isabel da Nóbrega) e o seu acompanhante, na altura também homem seu (José Saramago, futuro prémio Nobel). Depois da pescada, sobremesa. Café e discursos. Isabel anima o homem (Tês de dizer qualquer coisa) e ele deixa-se animar, que sabe ser bom orador. A arrancada é promissora: Galiza nom é Espanha. E o resto, nem se diga: Galiza tem direito a ser livre, Galiza há de ser soberana, a Galiza tem de olhar para Portugal, Portugal tem de olhar para a Galiza, Galiza tem em Portugal o seu sul, Portugal o seu norte na Galiza, a língua da Galiza é a língua de Portugal, a língua de Portugal é a língua da Galiza, etc. etc. etc. Assim, nesta conversa, umha boa meia hora.

Mais tarde, na tal sociedade de nome extravagante, pandeiras e moinheiras. Atruxos. E agora sim, quase de repente, grandes saudades. Também de ti, Isabel da Nóbrega. (Souto, 2000: 21)

Haveria ainda as novas procuras do autor para a escrita da *História do Cerco de Lisboa* (onde há outros brindes pessoais, neste caso ao saudoso Mário Joaquim Gomes dos Santos, um comunista irreverente que nesse tempo era o nosso leitor, estudantes de portugueses que éramos na Faculdade de Filologia de Santiago de Compostela), acompanhando a simpatia ideológica pela resistência galeguista que continua sendo explícita no Saramago destes anos. O discurso

improvisado diante dos estudantes da Galiza no Curso de Férias foi proferido 14 anos antes do Nobel, e nessa altura o escritor passava tempo connosco em trincheiras que partilhava ampla e radicalmente, a partir do anterior verão de 1983.

A primeira presença institucionalmente importante de Saramago na Galiza acontece no II Congresso Internacional da AGAL (1987), para o qual é escritor convidado e onde apresenta a comunicação «Um ponto de vista de escritor: Necessária reinvenção da língua portuguesa». Leu o seu texto na mesma mesa da última sessão do dia 27 de setembro, sentado ao lado de Carvalho Calero, o patriarca moderno do Reintegracionismo, a corrente histórica do galeguismo de aproximação ao português em termos ortográficos. Como se poderá comprovar nas *Actas* do Congresso (Saramago 1989b: 881-885), Saramago fala de certo decaimento no português escrito, depois do alto grau de beleza e precisão no século XVII, mas salva «algumas intermitências fulgurantes (Garrett em primeiro lugar)», delatando leitura e admiração, um tributo ao fundador do romance histórico. Detalhe que nos permite voltar à confirmação dos modelos narrativos de referência sistémica, que lhe cabiam naquela época, e atrás comentámos. Também refere que «[a] História, que antes não fazia mais que andar, voa agora», preparando-nos para as junções e desconstruções de passado e presente, também político, a que os seus resultados de escrita apontam.

Em reciprocidade e por esta mesma altura, com a aproximação do próprio Saramago, também nalguns círculos da Galiza se conhece o autor de modo mais íntimo do que em círculos portugueses. Algo similar tinha acontecido com José Afonso, que não por acaso efetuou em Santiago de Compostela a estreia mundial do *Grândola*. Esse Saramago era dito *nosso* pelo galeguismo e entendia e atendia cordialmente entrevistas solicitadas para publicações

inverosímeis, como *O Mono da Tinta*, que dirigíamos naquela época (Saramago 1987b), ou depois para *Folhas de Cibrão* (Saramago 1990) por via de Pedro Casteleiro e Antom Malde, em que o escritor se confessava ainda «radical», e assegurava que o galego não tem outra maneira de defender-se do castelhano senão aproximando-se do português. A definição medular do Reintegracionismo.

Em março de 1989, o escritor participou em Santiago no ciclo de conferências dedicado à sua obra, na Faculdade de Filologia, e numa jornada sobre a Revolução Francesa na Faculdade de Geografia e História. Neste último caso partilhou cartaz com Moncho López Suevos, o companheiro de Elvira. Nesse mesmo ano ainda está num congresso de escritores galegos, e começa a abrir-se para ele o jornal *La Voz de Galicia*, para publicar artigos em castelhano. Também recebe convites mais institucionais, como o de formar parte do júri do prémio literário Torrente Ballester, com modalidade também castelhana. Saramago já está acompanhado por Pilar del Río e as circunstâncias pessoais são outras, o primitivo círculo galeguista ficou distante, aparecendo até outras interlocuções antagonistas na própria Galiza.

A mudança torna-se evidente se comparamos a opinião do escritor, manifestada naquela segunda entrevista já referida, que também se publicou em *Çopyright* (1998) e ainda está presente na web (blogue *desaramago.blogspot.com*), com o que vai vir pouco antes do Nobel, e mais abundantemente depois. Retiramos outra citação (Saramago 1990) que esclarece o presente depoimento no sentido de — nessa altura — a Galiza na jangada do futuro ser imaginada por Saramago pelo menos num esquema de federalismo hispânico, com relações multilaterais, em lugar de bilaterais Portugal-Espanha, e todo o conjunto ao abrigo de uma Europa de que se deve desconfiar:

A solução para a Espanha é chegar à figura de uma federação. Então as relações entre Portugal e a Espanha deixariam de ser, como são, predominantemente relações bilaterais, entre Estado e Estado, para se tornarem relações multilaterais, relação entre Portugal e Catalunha, entre Portugal e Andaluzia, entre Portugal e a Galiza. (Saramago, 1990)

O escritor tinha manifestado um pensamento similar, acerca da sua visão política da Galiza no quadro do Estado espanhol, poucos meses antes, noutra entrevista conduzida por J. Rentes de Carvalho, traduzida para neerlandês e publicada em Amesterdão no matutino *De Volkskrant* (10 de março de 1989), falando de

diferenças que não são só entre Portugal e a Espanha, porque existem dentro da própria Espanha, e eu creio que nalguns aspetos as diferenças no interior da Espanha podem até ser maiores do que aquelas que há entre nós e os espanhóis tomados no seu conjunto. A Catalunha não é a Andaluzia, a Andaluzia não é a Galiza, e assim por diante. (Saramago, 1989c)

Na pergunta aludia-se ao iberismo e à possibilidade da fusão de Portugal com Espanha, e nesse sentido Saramago acrescenta mais adiante, com clareza, o seguinte:

A União Ibérica não faz sentido nenhum, e eu próprio, que tenho a fama de ser iberista, não vejo que haja qualquer viabilidade nessa ideia. O que me parece, contudo, é que embora o iberismo esteja morto, nós não podemos viver sem um iberismo, uma ideia ibérica. E afinal de contas, se é possível uma ideia europeia, se é possível o maior, porque é que não há de ser possível o menor? (Saramago, 1989c)

O entendimento direto Galiza/Portugal, que o autor tinha considerado e enunciado com intensidade em dado momento, encontra no federalismo e multilateralismo uma formulação que, no entanto, ainda não estava concluída. Acabará de todo apagada, e o próprio Saramago descrendo no iberismo equidistante, para dar inclusive uma rotação final mais decepcionante ou resignada, do ponto de vista da primeira fornada de admiradores/as galegos/as, como vamos ver. Aquelas circunstâncias pessoais aludidas como a mudança de prioridades nos motivos que ocupavam pensamento e mesmo horizonte literário em Saramago, com o lógico peso da alta distinção em que o Nobel o colocou em 1998, desviaram o escritor de uma preocupação isolada e/ou particularista da e pela Galiza. Noutra entrevista concedida a Elias Torres Feijó para *Tempos Novos* (Saramago, 2004), passará muito de leve e até por cima dos futuríveis relativos à Galiza da penúltima pergunta, remetendo já para a incerteza do que virá com a União Europeia. E em 2007, no polémico depoimento que deu para o *Diário de Notícias* (15 de julho de 2007), fala já, como se sabe, até da integração de Portugal em Espanha. Recordemos que, a propósito do futuro de Portugal na Península Ibérica, Saramago afirma que está composto de nacionalidades, sim, e em alguns casos com línguas diferentes, mas que tem vivido mais ou menos em paz, e que «teríamos tudo a ganhar em desenvolvimento nesse tipo de aproximação e de integração territorial, administrativa e estrutural». E a seguir:

Seria, então, mais uma província de Espanha?

Seria isso. Já temos a Andaluzia, a Catalunha, o País Basco, a Galiza, Castilla la Mancha e tínhamos Portugal. Provavelmente [Espanha] teria de mudar de nome e passar a chamar-se Ibéria. Se Espanha ofende os nossos bríos, era uma questão a negociar.

O Ceilão não se chama agora Sri Lanka, muitos países da Ásia mudaram de nome e a União Soviética não passou a Federação Russa? (Saramago, 2007)

Saramago voltou à Galiza várias vezes. Em 7 de abril de 1999 esteve para enclausurar a Semana Galega de Filosofia em Pontevedra, cujo tema central era precisamente nesse ano a «Autodeterminação». Mas dela e da Galiza não falou. O seu discurso foi dedicado à denúncia da injustiça social e das necessidades, em geral, num decalque da resposta de aceitação do Nobel diante da Academia Sueca no ano anterior. A guerra dos Balcãs estava a correr e o autor rotulava Milošević como fascista. Ao mesmo tempo qualificava de disparatada a resposta com bombas da NATO para o travar. Para além dos tristes paralelismos das situações bélicas que queiramos fazer com o nosso presente, na Ucrânia, na Palestina, em vários lugares da Ásia e de África, o caso é que o pensamento sobre a Galiza tinha já nula presença na viragem do século em Saramago, e o *Diário de Pontevedra* registava a sua passagem, com destaque para o seu «ceticismo» civilizacional.

Ignoramos se é verdade que, nesta ou noutra posterior ocasião, tivesse respondido a um antigo nosso aluno, reintegracionista ele, que era preferível os galegos se deixarem dessa teima e escreverem em espanhol — para escândalo daquele, e do primitivo círculo de acólitos galeguistas. Esse intelectual que uma década atrás se tinha manifestado «radical» neste assunto, e afirmado:

essa tentativa de aproximação da norma portuguesa, que muitos defendem com muita força, pode não ser alcançável, quer dizer, pode até eventualmente não ser útil, completamente útil. Mas penso que os que defendem essa aproximação tão radical, aquilo

que no fundo estão a fazer é a querer defender-se do castelhano. E a verdade é que o galego não tem outra maneira de defender-se do castelhano, senão aproximando-se do português. (Saramago, 1990)

A mudança até pode parecer justificada a partir das próprias palavras do escritor, previsor de algum tipo de coação fortíssima que podem receber os intelectuais nas culturas periféricas, na «nova ordem europeia». Naquilo que manifestava para *O Mono da Tinta*, aqueles teriam duas possibilidades; mas ninguém naquela altura, e seguramente nem ele próprio, poderia acreditar que Saramago acabasse «cedendo à tentação a que já cedeu sobretudo o pessoal político», alinhando-se com o seu silêncio ou recomendação, finalmente, no bando da cedência:

Quanto ao papel do intelectual nas culturas periféricas nesta nova ordem europeia, creio que os intelectuais têm aqui duas vias. Ou alinham pela nova ordem europeia, cedendo à tentação a que já cedeu sobretudo o pessoal político, que neste momento jura só pela Europa e põe a Europa, digamos, acima dos seus próprios países (quase se pode dizer isso). Ou seguir essa via, ou pelo contrário, e usando a tal independência de que os intelectuais tantas vezes se orgulham, entender que nesta nova situação em que justamente as culturas periféricas, até agora mais ou menos a salvo de invasões dos grandes centros culturais, ou assim chamados, da Europa, vão ser de facto sujeitas a uma pressão fortíssima e a uma espécie de laminação cultural. (Saramago, 1987b: 11)

Talvez seja impensável, para além doutras circunstâncias vitais e pessoais, maior pressão em volta de um escritor que ele receber o prémio Nobel de Literatura. A *causa galega*, que uma corte de

admiradores supunha ter sido assumida como própria no Saramago de dada altura, julgou-se já ausente na cabeça do escritor. Depois da última entrevista destes dias com Elvira Souto, preparando este texto e tendo-lhe deixado cópia do apresentado em Vigo no ano anterior, ela enviou uma mensagem WhatsApp que se referia ao encontro de escritores acontecido em Compostela em setembro de 1991, onde Saramago foi por ela interpelado em público (e isso ele publicamente lamentou) acerca da publicação de artigos de opinião em *La Voz* «na língua do império»; também à participação do escritor nos júris dos prémios literários em espanhol na Galiza. Tanto o tom como algum suave adjetivo exprimiam bem o desencanto em que acabou por concluir, até para a mais próxima intermediária que Saramago teve, o entusiasmo do Nobel português pela causa galega.

OBRAS CITADAS

- Diéguez Cequiel, Uxío-Breogán. 2015. «'Moncho' Reboiras, o activista sen tregua (1950-1975)». *Terra e Tempo* 172: 44-47.
- Garrett, Almeida. 1966. *O Arco de Sant'Ana*. Porto: Livraria Civilização [1845 e 1850].
- Gonçales Blasco «Foz», Luís. 2022. *A UPG em Portugal e Alguma Coisa Mais*. Santiago de Compostela: Através Editora.
- Herculano, Alexandre. 1972. *O Bobo*. Venda Nova: Livraria Bertrand [1843].
- Herculano, Alexandre. 1987. *Lendas e Narrativas*. Mem Martins: Publicações Europa-América [1851].
- Herculano, Alexandre. 1998. *Eurico, o Presbítero*. Lisboa: Ulisseia [1844].
- Lukács, György. 1977. *Le Roman historique*. Paris: Petite Bibliothèque Payot [1972].
- Nota. 1975. «Desarticulada la organización subversiva y terrorista E.T.A.-U.P.G. en Galicia — Nota de la Jefatura Superior de Policía de la Coruña». *El Pueblo Gallego*, 21 de agosto: 5.

- Rozas, Ramón. 2019. «El escepticismo de Saramago». *Diario de Pontevedra*, 8 de abril: 8.
- Saramago, José. 1947. *Terra do Pecado*. Lisboa: Minerva.
- Saramago, José. 1982. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 1984. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 1986. *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 1987a. *A Segunda Vida de Francisco de Assis*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 1987b. «José Saramago», entrevista a Carlos Quiroga, intermediada por Elvira Souto e Francisco Salinas Portugal. *O Mono da Tinta* 2: 10-13.
- Saramago, José. 1989a. *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 1989b. «Um ponto de vista de escritor: Necessária reinvenção da língua portuguesa». *Actas do II Congresso Internacional da Associação Galega da Língua* (1987), 881-885. A Corunha: Associação Galega da Língua.
- Saramago, José. 1989c. «Entrevista a José Saramago por J. Rentes de Carvalho», 9 de fevereiro de 1989, traduzida em neerlandês e publicada em Amesterdão no matutino *De Volkskrant* (10 de março de 1989). Com o título «Memoriaal van het Klooster», a tradução neerlandesa foi editada pela *De Arbeiderspers* no outono de 1989. Disponível em: <http://tempocontado.blogspot.com.es/2013/11/jose-saramago-1989.html>
- Saramago, José. 1990. «Uma conversa com José Saramago», entrevista a Pedro Casteleiro e Antom Malde para *Folhas de Cibrão*. *Revista Universitária de Investigação Científica*, n.º II: 9-26.
- Saramago, José. 1991. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 1993. *In Nomine Dei*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 2004. «Com polémica lucidez», entrevista a Elias Torres Feijó para *Tempos Novos*, n.º 84. Disponível em: <https://ppl.gal/entrevista-de-elias-torres-a-jose-saramago>
- Saramago, José. 2007. «A união ibérica», entrevista a João Céu e Silva para *Diário de Notícias*, 15 de julho de 2007. Disponível em: http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=661318
- Saramago, José. 2009. *Caim*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José. 2013. *A Estátua e a Pedra*, texto apresentado na Universidade de Turim em

- 1997, por ocasião do colóquio *Dialogo sulla Cultura Portoghese. Letteratura-Musica-Storia*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Souto Presedo, Maria Elvira. 1985. *A Narrativa de José Saramago: Memorial do Convento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. Edição de autor.
- Souto Presedo, Maria Elvira. 1989. *O Romance Português Actual: Uma literatura de autognose*. Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. Edição de autor.
- Souto Presedo, Maria Elvira. 2000. «As pátrias do 25». *O Máximo. Suplemento de Documentação e Informação da Revista Agália*, n.º 64: 21-22.
- TeT 44. «A Compañeira Elvira Souto, novo Secretario Xeneral do noso Partido». *Terra e Tempo*, n.º 44, abril de 1977: 5.
- TeT 82. «Actividades da U.P.G. na zona de Lugo». *Terra e Tempo*, n.º 82, 15 de febreiro-15 de março de 1981: 7.
- Torres Feijó, Elias J. 1999. «Seminário sobre José Saramago na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela». *Agália*, n.º 60: 467-470.

QUE FAREMOS COM
JOSÉ SARAMAGO?

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso na Rainho & Neves,
em papel Coral Book de 90 g,
em junho de 2025.